



A hora e a vez do português brasileiro

A língua falada no Brasil não vem apenas dos portugueses. Ela também recebeu influência de índios, africanos e migrantes europeus. Saiba tudo sobre a formação do português brasileiro no texto de Ataliba Castilho.

Ataliba T. de Castilho (USP, CNPq)

Você lerá este texto com mais proveito se ler previamente os trabalhos “Como as línguas nascem e morrem” e “Como, onde e quando nasceu a Língua Portuguesa”.

Para entender e estudar o Português Brasileiro, teremos de passar pelos seguintes tópicos, pelo menos:

1. Lusitanização do Brasil: a ocupação do território, origens do colono português
2. Índios, africanos, migrantes europeus
3. Variedades geográficas do Português Brasileiro
4. Variedades socioculturais do Português Brasileiro
5. Principais diferenças entre o Português Brasileiro e o Português Europeu
6. Tentando entender por que o Português Brasileiro é como é
7. O Português no séc. XXI: a oitava língua mais falada no mundo
- 8.

Então vamos lá.



Índice:

1. Como se deu a ocupação do território brasileiro pelos portugueses? Quais eram as origens do colono português?
 - 1.1 Chegando à África
 - 1.2 Portugueses na Ásia
 - 1.3 Portugueses chegam à América
 - 1.4 Povoamento do Brasil
2. Índios, africanos, migrantes europeus
 - 2.1 Índios do Brasil
 - 2.2 Africanos trazidos para o Brasil
 - 2.3 Migrantes europeus e migração interna
3. O Português Brasileiro é absolutamente igual em todo o nosso território?
4. Agora me fale mais sobre as variedades socioculturais do Português Brasileiro
 - 4.1 Português Brasileiro popular e Português Brasileiro culto
 - 4.2 Comparando as variedades popular e culta do Português Brasileiro
 - 4.3 O problema do Português Brasileiro padrão
5. Principais diferenças entre o Português Brasileiro e o Português Europeu
6. Tentando entender por que o Português Brasileiro é como é
 - 6.1 O Português Brasileiro representa uma evolução biológica do Português de Portugal?
 - 6.2 O Português Brasileiro deriva de um crioulo?
 - 6.3 O Português Brasileiro é uma continuação do Português Arcaico?
7. Qual é a importância da Língua Portuguesa no séc. XXI? Qual é nossa posição em relação às outras línguas do mundo?
8. Bibliografia para aprofundamento
9. Glossário

1. Como se deu a ocupação do território brasileiro pelos portugueses? Quais eram as origens do colono português?

Dentre as línguas românicas mencionadas no texto “Como, onde e quando nasceu a língua portuguesa”, as que mais se difundiram pelo mundo foram o Castelhana e o Português. A implantação do Português no Brasil é parte das grandes navegações empreendidas pelos portugueses. Sem dúvida foi a que mais deu certo.

A partir do séc. XV, impulsionados pelo Infante D. Henrique (1394-1460), um dos filhos de D. João I, têm início os grandes descobrimentos, que revelaram o caminho marítimo para as Índias, a América do Sul (e nesta o Brasil) e a passagem para o Pacífico, oceano até então desconhecido.

Os arquipélagos dos Açores, Madeira e São Tomé e Príncipe ao largo da costa europeia e africana foram os primeiros lugares ocupados fora de Portugal continental. Vejamos como isso se deu.

1.1 Chegando à África

Bartolomeu Dias dobra o Cabo da Boa Esperança (1487-88) e os portugueses instalam feitorias na costa africana. Também as ilhas ao largo da costa africana, tais como as Canárias, hoje possessão espanhola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe são tocadas pelos barcos portugueses.

Desenvolveram-se nessas ilhas crioulos de base portuguesa, sobretudo em Cabo Verde, e em São Tomé e Príncipe.

Os portugueses se instalaram de forma duradoura em Angola e em Moçambique, colônias que eles mantiveram até 1974, mais ou menos. Por essa época, esta era a situação da Língua Portuguesa na África:

Populações expostas à Língua Portuguesa na África, segundo Teyssier (1997: 119).

PAÍS	SUPERFÍCIE EM KM ²	POPULAÇÃO
São Tomé e Príncipe	964	67.000
Ilhas de Cabo Verde	4.033	285.000
Guiné-Bissau	36.125	570.000
Moçambique	782.763	8.715.000
Angola	1.246.700	5.840.000

Nesses países o Português é a língua oficial, segue o padrão europeu, sendo falada por menos da metade da população. Segundo Gonçalves (2004), o Censo de 1997 apurou 16.1000.000 habitantes em Moçambique, dos quais 6.000.000 falam Português, seja como língua materna, seja

como segunda língua, ou seja, 39%. Esse número aponta para um crescimento de falantes de Português naquele país. Não há informações recentes sobre Angola.

Continuam majoritárias as línguas locais, sejam os crioulos, sejam, como em Angola e Moçambique, as línguas da família Quimbundo, faladas por milhões de indivíduos. Desenvolveu-se uma literatura importante, devendo lembrar-se Luandino Vieira (Angola).

1.2 Portugueses na Ásia

Vasco da Gama descobriu a rota das Índias, permitindo que Portugal estabelecesse um rico comércio das especiarias indianas, até então acessíveis apenas por terra. A República de Veneza, que dominava esta rota, passa a ter enormes prejuízos.

Na Índia, os portugueses circunscreveram-se a Goa (1510), Damão (1534) e Diu (1535), além de parte da ilha de Timor, na Indonésia.

Na China, ocuparam a pequena zona de Macau (1557), quase defronte a Hong Kong.

Em matéria de extensão geográfica, os portugueses tiveram mais sucesso no Ceilão, atual Sri Lanka, e em Malaca.

Em consequência das grandes navegações, o português tornou-se língua franca nos portos da Índia e do sudeste da Ásia, entre os sécs. XVI e XVIII. Em vários portos surgiram “crioulos”, uma adaptação da Língua Portuguesa às línguas com as quais ia entrando em contacto. Segundo Teyssier (1997), fala-se ainda crioulo de base portuguesa em Goa, Damão e Diu, Ceilão, Java, Malaca e Macau.

Mas a Língua Portuguesa não viria a fixar-se aqui com a mesma força que na América: a “Índia Portuguesa” foi recuperada pela União Indiana em 1961, e o Timor foi anexado pela Indonésia em 1974, tendo-se dela libertado em 2002.

A República Democrática de Timor Leste é a mais jovem nação do mundo, depois que se tornou independente da Indonésia. A população de Timor Leste é de 800.000 habitantes, e o Português é ali uma língua oficial.

1.3 Portugueses chegam à América

Contratado pelos reis castelhanos, Fernão de Magalhães costeia parte da América do Sul, encontrando o estreito que levaria seu nome, e que abria uma passagem para o Pacífico, por ele assim denominado.

Cabral descobre o Brasil em 1500, e a ocupação do território tem início em 1530. O Brasil é hoje a maior nação de língua portuguesa do mundo, inteiramente responsável por ter o Português se tornado a oitava língua mais falada no mundo.

A conquista do Brasil agregou à Língua Portuguesa vastos territórios e uma população hoje avaliada em 178 milhões de habitantes, fazendo o domínio da língua aproximar-se dos 200 milhões de falantes, ocupando o oitavo lugar entre as línguas mais faladas do mundo e a quinta em extensão territorial.

Vejamos como essa história de sucesso aconteceu. Para começo de conversa, consulte o Quadro seguinte.

Cronologia sociohistórica do Brasil (séc. XVI-XIX)

1500	Descoberta do Brasil, por Pedro Álvares Cabral
1530	Começo do povoamento.
1534	Organização das Capitânicas Hereditárias, doadas a pessoas de “pequena nobreza”. Apenas São Vicente e Pernambuco dão certo.



1535	Fundação de Olinda e Recife. Tem início a chegada de escravos africanos. O tráfico só terminaria em 1855. Dezoito milhões de escravos são trazidos.
1549	Organização do Governo Geral do Brasil, com sede em Salvador, Bahia, então fundada.
1550	Povoadores minhotos se instalam em Pernambuco
1554	Fundação de São Paulo
1654	Organizam-se os Estados de Maranhão e Grão Pará, com sede em São Luís. O território passa a ser governado diretamente de Lisboa, como duas colônias independentes: o Estado do Brasil, com sede em Salvador, e o Estado do Grão Pará e Maranhão, com sede em São Luís, e, mais tarde, em Belém.
1565	Fundação do Rio de Janeiro
1616	Fundação de Belém
1738	Fundação de Florianópolis
1751	Reorganização da divisão anterior, agora como Pará e Maranhão, com sede em Belém. O irmão de Pombal, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, impõe a Língua Portuguesa sobre a Língua Geral do Norte. Não deu certo, e até hoje se ouve falar Nheengatu na Amazônia.
1752	Fundação de Porto Alegre
1808	Chegada da Família Real ao Rio de Janeiro. Dezesesseis mil portugueses saem dos navios. O Rio tinha 14.000 habitantes.
1822	Independência do Brasil
1870	Tem início a migração europeia, sobretudo para o Sudeste e o Sul do país
1889	Proclamação da República

1.4 Povoamento do Brasil

O povoamento e a implantação da língua portuguesa se deu a partir de oito focos irradiadores, quase todos eles localizados no litoral brasileiro:

- quatro do séc. XVI: Olinda e Recife (1535), Salvador (1549), São Paulo e São Vicente (1554), Rio de Janeiro (1557),
- dois do séc. XVII: São Luís do Maranhão (1612) e Belém (1616),
- dois do séc. XVIII: Florianópolis (1738) e Porto Alegre (1752).

A partir do final do séc. XVIII o português sobrepõe-se à Língua Geral Paulista, ou Tupi Antigo. Entretanto, na região Norte, a Língua Geral Amazônica, ou Nheengatu, sobrevive até hoje.

Cada um desses polos gerou outros tantos centros de irradiação, e ainda hoje as fronteiras sociais não deixaram de expandir-se, sobrepondo-se em alguns casos mais de uma onda demográfica.



Aparentemente, os colonos portugueses que para cá vieram procediam de todas as regiões da metrópole, notando-se uma provável predominância de portugueses do sul, dados os seguintes fenômenos fonéticos existentes no Português Brasileiro: (i) ocorrência absoluta do [s] predorsodental, típico do Sul português, e inexistência do [s] apicoalveolar, típico do Norte de Portugal; (ii) monotongação do ditongo [ey], como em *primero*, dito [ây] no Norte, como em *primâyrũ*; (iii) manutenção da distinção entre /p/ e /b/, que são pronúncias alternantes no Norte, ocorrendo tanto *varrer* como *barrer*.

Grandes partes do Português de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul ficam à margem dessas observações, dadas fortes influências açorianas no seu povoamento. É por isso que os brasileiros que visitam Santa Catarina afirmam que a variedade local do Português Brasileiro é a que mais se aproxima da variedade lusitana.

É um fato que os portos portugueses e espanhóis de saída para a América se situavam no sul desses países, e é por isso que se tem falado na hipótese meridionalista da romanização da América. Tanto na América Espanhola (predominância de andaluzes), quanto na América Portuguesa, o Espanhol e o Português aí implantados apresentam características do Espanhol e Português meridionais, conforme se disse acima: Castilho (1998b: 65-66).

Apesar dessas correspondências, a "hipótese meridionalista" do povoamento português tem sido contestada sob a alegação de que a irradiação dos falares meridionais tinha-se processado já no território português, anteriormente à ocupação do Brasil. Basta lembrar o movimento da Reconquista, em que contingentes do Norte Português se deslocaram para a região de Lisboa. O choque de opiniões a esse respeito parece ter amainado ultimamente, desde que o linguísta português Luís Felipe Lindley Cintra mostrou que os meridionalismos se disseminaram por todo Portugal antes da lusitanização do Brasil.

Por outro lado, o predomínio do contingente branco parece ser um fato recente no Brasil. Segundo Mussa (1991, apud Mattos e Silva 1995: 78),



“a taxa de europeus e brancos brasileiros vai de 30% (séculos XVI à primeira metade do século XIX) a 41% (segunda metade do século XIX), enquanto que os tradicionalmente chamados de ‘aloglotas’, ou seja, os outros e seus descendentes vão de 70% a 69% (até 1850) e só na segunda metade do século XIX diminuem para 59%. Isto quer dizer que em toda a história brasileira a maioria foi não-branca, isto é, de língua familiar, na sua origem, não portuguesa (70% vs. 30%, do séc. XVI até meados do séc. XIX e daí, numa relação de 59% vs. 41%)”.

Mattos e Silva (1998: 47) alerta que é melhor não simplificar as coisas, pois os portugueses continuaram vindo, e com isso

“é muito complexa a relação estrutural entre o português brasileiro e o europeu, e não se reduz à simplicidade com que tem sido formulada desde Serafim da Silva Neto, como a ‘origem regional dos colonizadores’ aqui chegados”.

De todo modo, não deixa de ser notável que no momento de nossa Independência, e mesmo durante o Brasil Império, predominassem não-brancos no país. Foi preciso aguardar o séc. XIX para que o país promovesse seu “branqueamento”, facilitando a entrada de migrantes europeus, cuidadosamente selecionados.

2. Índios, africanos, migrantes europeus

2.1 Índios do Brasil

À chegada dos portugueses, povoavam o território entre um a seis milhões de indígenas, que falavam cerca de 300 línguas diferentes.

Essas línguas se organizavam em dois grandes grupos: Grupo Jê e Grupo Tupi-Guarani.

Os índios do Grupo Jê ocuparam as selvas abertas, isto é, os cerrados do Brasil Central. Esses índios são altos, corpulentos, e têm o hábito de falar alto. Eles constroem aldeias circulares, bem



definidas, ocupando terrenos amplos. Não são nômades. Algumas das tribos ligadas a este grupo habitavam o Vale do Paraíba, e possuíam o r retroflexo, também presente no falar caipira.

Os índios do Grupo Tupi-Guarani ocupavam toda a costa brasileira quando os portugueses chegaram. De hábitos discretos, mais arredios que os Jê, falam baixo, têm estatura média, e construíam suas aldeias de modo irregular, cada família erguendo suas casas sem um plano visível.

Com a chegada dos portugueses, os Tupi-Guarani não podiam fugir para o interior do país, pois esse território estava ocupado pelos Jê. Rodearam então o território destes e foram para o Paraguai, a Amazônia e o litoral do Nordeste, espalhando-se mais que os Jê. No séc. XVIII eles começam a voltar para o sul, encontrando-se narrativas de viajantes do séc. XIX que se referem a eles. Valendo-se do Caminho do Peabiru, atravessaram o Paraná e entraram no Estado de São Paulo à altura do Peruíbe, subindo o litoral até Aracruz, no Espírito Santo, ocupando todo o litoral paulista. Prosseguindo em sua migração, eles se dirigiram para o Norte do país, sempre pelo litoral.

Designados genericamente *Tupinambás* por nossos primeiros cronistas - que se referiam com certeza às tribos que habitavam o litoral - as populações indígenas foram sendo dizimadas, restando hoje cerca de 300 mil indivíduos, distribuídos por cerca de 160 línguas. Supõe-se que à chegada dos portugueses eles eram mais de um milhão de indivíduos, falantes de cerca de 220 línguas.

Aryon Dall’Igna Rodrigues apresenta um quadro atualizado das línguas indígenas do Brasil, e de sua distribuição pelo território brasileiro. Quanto às relações entre portugueses e indígenas, ele destaca em trabalho posterior a importância do desenvolvimento das línguas gerais*, que não são pidgins ou crioulos, “*mas continuações de línguas indígenas que passaram a ser faladas pelos mestiços de homens europeus e mulheres índias*”.

Duas línguas gerais se desenvolveram no Brasil: a Língua Geral Paulista e a Língua Geral Amazônica, também chamada Nheengatu. A Língua Geral Paulista

“foi-se constituindo já no século XVI, tendo como base a língua dos índios Tupi de São Vicente e do alto rio Tietê, uma língua tupi-guarani ligeiramente diferente da língua dos Tupinambá. Foi a língua dos mamelucos paulistas e, com as bandeiras, foi a língua de penetração no interior de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso e Paraná. Pela segunda metade do século XVIII passou a perder terreno para o português e seus últimos falantes devem ter morrido no início do século XX”: Rodrigues (1993: 97).

A expressão “língua geral” tem sido utilizada com mais de um sentido, conforme nos ensina Mattos e Silva (2004):

- 1) “Língua geral brasileira”, falada por mulatos e brancos brasileiros a partir do séc. XVIII. Essa língua geral não é africana nem indígena, *“mas sim continuadora do português”*: (pág. 21). É a língua geral do Brasil caipira (pág. 78). A documentação colonial usa essa expressão quando se refere a “falar a língua geral”, “usar a língua geral”, “saber a língua geral”, referindo-se a um *“português simplificado, com interferências das línguas indígenas e também das línguas africanas”* (págs. 79, 95).
- 2) “Línguas indígenas”. Incluem-se nesta designação a “Língua Geral Amazônica”, de base Tupinambá, cujo remanescente é o Nheengatu, a “Língua Geral Paulista”, de base Tupiniquim e Guarani, e a “Língua Geral de base Cariri”, difundida no Nordeste do país (pág. 81).
- 3) Língua criada pelos jesuítas, para a catequese Câmara Jr. (1963) destaca que os defensores do substrato indígena buscaram apoio não em línguas indígenas reais, mas na Língua Geral, isto é, no tupi missionário *“fabricado” pelos jesuítas. Segundo ele, os jesuítas, baseando-se no Tupi (língua falada pelas populações indígenas da costa brasileira, composta por dialetos muito semelhantes), constituíram uma língua de comunicação - a Língua Geral - para ser usada como língua de catequese. A Língua Geral, o Tupi missionário, caracterizava-se como um Tupi despojado de “seus traços fonológicos e gramaticais mais típicos para se adaptar à consciência lingüística dos brancos e o português nela atuou assim, impressivamente, como ‘superestrato’.*” Câmara Jr. (1963:76).
- 4) “Línguas africanas” de base Banto, faladas na zona de mineração: Mattos e Silva (2004: 97).

Tem-se destacado o papel desenvolvido pelos bandeirantes na organização de expedições formadas por índios e por mamelucos para a caça a outros índios. Segundo Fausto (1994), *“a*



grande bandeira de Manuel Preto e Raposo Tavares que atacou a região de Guaira em 1629, por exemplo, era composta de 69 brancos, 900 mamelucos e 2 mil indígenas”. Quando não apresavam índios, os bandeirantes alugavam seus serviços e partiam à caça de índios ou negros rebelados. Domingos Jorge Velho e Matias Cardoso de Almeida se deslocaram até o Rio Grande do Norte para combater os índios, na chamada Guerra dos Bárbaros (1683-1713). E “*o mesmo Domingos Jorge Velho conduziu a campanha final de liquidação do Quilombo dos Palmares em Alagoas (1690-1695)*”: Fausto (1994).

No caso de São Paulo, será necessário buscar evidências documentais sobre a língua usada por esses bandeirantes, alguns portugueses, outros paulistas, seja no seu ambiente familiar, seja no “ambiente de trabalho”. Em trabalho ainda inédito, Marilza de Oliveira levanta questões instigantes sobre a língua falada pelos “*povoadores seiscentistas e setecentistas da Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté*”, os quais tiveram papel importante nas explorações de ouro em Minas Gerais. Examinando inventários e testamentos guardados no Arquivo Municipal de Taubaté, ela estuda a constituição das famílias de bandeirantes, tendo constatado o predomínio de esposas brancas, que decerto falariam português em casa, com seus filhos menores. Nas longas expedições ao sertão, seus maridos falariam português com os poucos brancos que os acompanhavam, e a Língua Geral Paulista com os índios. Temos, então, uma situação lingüística constituída por falantes nativos (os índios aldeados, as famílias dos colonizadores e os oficiais da administração) e por falantes bilíngües (os bandeirantes, em sua interação com os índios). Esse achado se contrapõe à afirmação freqüente segundo a qual só se teria começado a falar português em São Paulo a partir do final do séc. XVIII.

O grosso das contribuições léxicas para o Português Brasileiro provêm do Tupi-Guarani, que cedeu cerca de 10.000 vocábulos, constantes em sua maioria de substantivos próprios de lugares e de pessoas, que se somam substantivos comuns designativos de vegetais e de animais. Não se comprovou algum tipo de influência fonológica ou gramatical. Segue-se uma pequena lista das contribuições indígenas.



- Pessoas: *caipira, caipora, cacique, pajé, morubixaba, curumim, cunhã.*
- Comidas: *pururuca, puba, pipoca, maracujá, aipim.*
- Animais, figuras míticas: *graúna, colibri, arara, acauã, sabiá, irara, sagüi, pium, jaguar, jacaré, uru, urutau, urutu, tatu, jararaca, muçurana, paca, içá, boitatá, taturana, saracura.*
- Vegetais: *imbira, urucu, tapioca, taquara, araçá, jenipapo, mandioca, mandi, pitanga, goiaba, taioba.*
- Moradias: *tapera, tipiti, oca, girau.*
- Topônimos e Antropônimos: *Iracema, Guaraciaba, Moema, Paraguaçu, Jaçanã, Maracanã, Guanabara, Canindé, Itu, Araraquara, Jaú, Butantã.*

2.2 Africanos trazidos para o Brasil

A Língua Portuguesa seria mais extensivamente exposta à influência das línguas africanas, pois de 1538 a 1855 foram trazidos dezoito milhões de escravos negros, sujeitos a um contacto mais intenso com a escassa população branca.

Os africanos trazidos para o Brasil integram duas culturas: a Cultura Banto e a Cultura Sudanesa. A Cultura Banto cinde-se no Grupo Ocidental, originário do Congo e de Angola, e no Grupo Oriental, originário de Moçambique, Tanganica e Região dos Lagos. Seus representantes se fixaram no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Maranhão, Pernambuco e Alagoas. A Cultura Sudanesa compreende os Fulá, os Mandinga, os Hausá, os Fanti-Ashanti, os Ewê e os Iorubá ou Nagô, originários da costa oeste africana: Sudão, Senegal, Guiné, Costa do Ouro, Daomé e Nigéria. Eles se fixaram principalmente na Bahia, vieram em número menor que os Banto, e dois séculos mais tarde.

Estima-se em 300 o número de palavras africanas que foram incorporadas ao léxico do Português Brasileiro. São ainda escassos os estudos sobre as influências lingüísticas africanas. Os primeiros textos atribuem aos africanos simplificações da morfologia nominal e verbal que outros tantos textos atribuem igualmente aos indígenas. Quanto ao léxico, eles procuram identificar as origens



do vocabulário africano difundido no Brasil, e esse é o caso de Raimundo (1933), Mendonça (1935) e Machado Filho (1944).

A extraordinária complexidade lingüística dos povos africanos, associada à prática portuguesa de misturar suas etnias às dos indígenas, para dificultar as revoltas, deve ter dado origem, após o séc. XVII, a um "dialeto das senzalas", sorte de língua franca, hipotetizada por Castro (1980). Nesse dialeto, tanto quanto nas palavras que passaram para o PB, as línguas banto tiveram grande importância, donde as expressões *vir de Aruanda* (isto é, de Luanda, costa norte de Angola), *dançar um Moçambique*, *rainha do Congo*, e *congada*.

A esse "dialeto das senzalas" teria sucedido um "dialeto rural", acentuando-se o aportuguesamento dos africanos e a entrada de africanismos no PB. Sempre segundo Castro (1980: 18-19), desaparece então a estrutura morfológica Banto, reinterpretando-se como um radical único suas unidades lexicais complexas. Assim, uma estrutura como [prefixo + radical (+ sufixo)], presente em *ka.N.Domb.ele*, é analisada como *candomblé*; *ka.N.Kund.a* é analisado como *cacunda*, e assim por diante. Na direção contrária, palavras portuguesas com estrutura silábica travada sofrem a abertura dessa sílaba em boca africana, retornando ao Português Brasileiro com essa alteração. É o caso de *sal.var* > *salavá* > *saravá*.

As palavras Banto incorporadas no PB conheceram uma dispersão maior pelas áreas lexicais, como atestam os itens *cacunda*, *caçula*, *fubá*, *angu*, *jiló*, *carinho*, *bunda*, *quiabo*, *dendê*, *denço*, *samba*, etc. Já as palavras da Cultura Sudanesa concentram-se em 65.7% na linguagem litúrgica dos candomblês. É ainda Castro (1980) que destaca as semelhanças entre a estrutura fonológica do português e das línguas Banto: mesmo número de vogais, mesma estrutura silábica, o que explicaria a não-emergência de crioulos africanos no Brasil, além de certas características da pronúncia do Português Brasileiro.

Darcy Ribeiro justifica uma "demografia hipotética" para o cálculo do número de negros trazidos ao Brasil, tão grande é a disparidade dos números constantes da bibliografia. Segundo esse autor,

cerca de sete milhões de negros teriam sido trazidos ao Brasil. Gregory Guy aponta outros números, mas mostra que de todo modo vieram mais negros para o Brasil do que para os Estados Unidos.

Sabe-se que são de etnia predominantemente Banto os que vieram para São Paulo, mas não há informações precisas sobre sua distribuição no território, nem de cálculos sobre seu número. De todo modo, o fracasso da indústria açucareira paulista durante o período colonial teria tornado desnecessária a vinda de grandes contingentes de escravos. Juntando-se a isso o grande número de imigrantes europeus chegados no séc. XIX, pode-se reconhecer com Love (1982) que *“a composição racial do Estado transformou-se claramente [na primeira metade da República] no sentido da crescente predominância do elemento branco”*.

2.3 Migrantes europeus e migração interna

Na segunda metade do séc. XIX houve uma grande expansão da lavoura brasileira, combinada com a libertação dos escravos e graves episódios de fome na Europa. Deu-se início a uma forte migração de europeus para as Américas, e o Brasil se transformou no destino de muitos italianos, espanhóis, alemães e portugueses, notadamente depois de 1870.

Muszynski (1986) afirma que

“o ponto receptor mais flagrantemente afetado pelo movimento migratório no Brasil durante décadas e, por essa razão, o mais propício a uma verificação desta natureza, é seguramente a capital de São Paulo, carro-chefe de uma industrialização que induz à formação de grandes aglomerados urbanos”.

Dado esse fato, no que se segue me concentro no Português Brasileiro de São Paulo.

O trabalho escravo foi substituído nos cafezais paulistas pela mão-de-obra europeia, sobretudo italiana. Entre 1882 e 1930, chegaram a São Paulo 2.223.000, imigrantes, 46% dos quais eram

italianos, provenientes inicialmente do Norte da Itália, e depois, do Sul. Seguem-se os portugueses, que responderam por cerca de 18% da migração, totalizando 404.000 indivíduos. Nesse período, os espanhóis representam 17%, e os demais, sobretudo japoneses, alcançaram 19%: Love (1982: 27-28).

O ano de 1930 assinalou uma virada na chegada de migrantes a São Paulo. Pela primeira vez, o número de migrantes internos superou o dos externos. A Depressão diminuiu o afluxo de migrantes externos, e as autoridades brasileiras passaram a tomar medidas restritivas ao seu ingresso. Entre os que chegaram e os que partiram, em 1940 se registraram 500.000 pessoas a mais do que se perdeu: Love (1982: 29). É preciso considerar também os paulistas que deixaram o Estado, numa das expansões da fronteira agrícola brasileira, dos quais 231.000 se dirigiram para o Norte do Paraná, por volta dos anos 50.

A partir dos anos 50, registrou-se um aumento drástico da população de nossas metrópoles, o que decerto afetará o Português aí falado.

Vamos tomar como exemplo a cidade de São Paulo, que é hoje a maior cidade de língua portuguesa do mundo. Em São Paulo ocorreram no séc. XX dois fluxos migratórios: um do interior do Estado, e outro do próprio país, dada a atração que a cidade passou a exercer. Graham & Holanda Filho (1980), apud Muszynski (1986: 22), calcularam os percentuais respectivos, transcritos no seguinte quadro:

Migração interestadual para São Paulo, por região (percentuais)

REGIÃO DE ORIGEM	ANOS			
	1950	1974	1978	1982
Norte	0,5	-	-	4
Nordeste	27,8	48	49	56
Centro-Oeste	6,6	3	2	2
Sudeste	54,6	39	35	25
Sul	10,6	10	14	13
TOTAL	100	100	100	100

Fonte: Muszynski (1986: 22)

Essa Tabela mostra um contingente expressivo oriundo do Nordeste, enquanto que o aporte de outras regiões se mostra declinante. Num estudo específico sobre a migração nordestina para São Paulo, Bosco e Jordão (1967), apud Kewitz (1997), quantificam 1.140.065 indivíduos, vindos para São Paulo no período de 1952 a 1961, apurando-se entre eles uma média 87% de analfabetos.

Quanto ao impacto dos falares nordestinos sobre a linguagem de São Paulo de hoje, uma primeira atividade será mapear os diferentes falares transplantados. Num segundo momento, será preciso medir o grau de integração desses migrantes na sociedade paulista.

Alves (1979) examinou a atitude lingüística dos nordestinos com relação ao falar paulista. Ela estratificou seus informantes, dividindo-os em praticantes do “falar bahiano” e do “falar pernambucano” - este, mais valorizado que aqueles entre seus sujeitos.

No caso da metropolização brasileira, continuando com São Paulo como exemplo, Maria Isaura de Queiroz traça as direções tomadas pela conurbação de São Paulo com os municípios vizinhos, tema igualmente versado por Love (1982: 120).

O explosivo crescimento da metrópole pode ser medido através do seguinte Quadro, que mostra a variação do crescimento urbano de 1920 a 1970:

Migração e variação percentual do crescimento urbano de São Paulo

PERÍODO	VARIAÇÃO
1920/1940	57,42 %
1940/1950	70,83 %
1950/1960	63,64 %
1960/1970	59,59 %

Fonte: Muszynski (1986: 22)

Na Tabela seguinte, comparam-se os percentuais de migrantes paulistas aos dos migrantes de outros Estados do país, por ano de chegada.

Correntes migratórias para o município de São Paulo

ANO DE CHEGADA	DE SÃO PAULO	DE OUTROS ESTADOS
1900/1929	77,8 %	22,2 %
1930/1934	76,3 %	23,7 %
1935/1939	69,4 %	30,6 %
1940/1944	71,7 %	28,3 %
1945/1949	54,1 %	45,9 %
1950/1954	37,6 %	62,4 %
1955/1959	30,8 %	69,2 %
1960/1964	21,6 %	78,4 %
1965/1970	22,1 %	77,9 %

Fonte: Muszynski (1986: 23)

Essa Tabela mostra uma relação inversa na constituição da população paulistana, com a diminuição, a partir da década de 50, dos contingentes procedentes do interior, e o aumento daqueles procedentes do país, sobretudo do Nordeste.

O que ressalta dessas figuras é que a fala de São Paulo representa hoje o mais interessante laboratório linguístico brasileiro, com o entrechoque de variedades regionais e socioculturais do Português Brasileiro.

Algo semelhante deve estar se passando na fala de Brasília. Também aqui as coisas ainda estão por se definir, notando-se desde logo algumas tendências. Stella Maria Bortoni-Ricardo vem estudando a fala de nossa capital há 20 anos. Num trabalho de 1985 ela mostrou que os "candangos" mais integrados na cidade deixavam mais depressa que os candangos isolados os traços lingüísticos mais salientes de sua variedade de origem. Ela notou que a fala dos brasilienses se ressentia de três movimentos: do rural para o urbano, do oral para o letrado e do regional para o supra-regional: Bortoni-Ricardo (1985).

O movimento do rural para o urbano se deve a que Brasília foi construída numa área de uma rica e tradicional cultura rural – e a fundação da cidade se chocou com essa realidade, simbolizando a alteração da sociedade brasileira, que se urbanizava rapidamente nas décadas de 50 e 60 – , década em que a cidade foi fundada. A cultura rural ainda subsiste, mas certamente será abandonada pelos netos dos antigos moradores do cerrado goiano que compõem hoje a população da capital.

Outra marca dos brasilienses é a passagem de uma cultura mais oral para uma cultura mais letrada. A rede escolar de Brasília foi muito bem pensada, a densidade de pessoas de nível superior é a maior do país, e 25% dos computadores do Brasil se concentram na capital.

Finalmente, a fala dos brasilienses não reflete uma cultura regional, que aí não se desenvolveu, como aconteceu em outras metrópoles. Foram diluídos os traços linguísticos e culturais dos povoadores da cidade, e a resultante deverá ser um amálgama de características, calcada numa cultura cosmopolita, supra-regional.

Como se vê, São Paulo e Brasília se constituem em verdadeiros laboratórios linguísticos, merecedores de muitos e muitos estudos.

3. O Português Brasileiro é absolutamente igual em todo o nosso território?

Ao estudar qual variedade de Latim deu origem ao Português, começamos por constatar que o Latim, assim como qualquer língua do mundo, não era homogêneo, uniforme. Na verdade, qualquer língua apresenta variedades de acordo com o lugar de que procedem seus falantes, sua classe sociocultural, sexo e faixa etária, e também o grau de intimidade entre os falantes.

Aplicados ao Português, esses parâmetros de variação apontam para o seguinte:



- (1) Variedades geográficas do Português: Português Europeu, Português Africano e Português Brasileiro, dividido neste caso em variedades do Norte, do Nordeste, do Sudeste e do Sul.
- (2) Variedades socioculturais: Português popular, Português culto.
- (3) Variedades sexuais: Português de homens, Português de mulheres.
- (4) Variedades etárias: Português das crianças, dos jovens, dos velhos.
- (5) Variedades de registro: Português informal ou coloquial, Português formal ou tenso.

Dentre essas variedades, as mais perceptíveis são as geográficas. Ao falar com um desconhecido, rapidamente percebemos se essa pessoa integra ou não nossa comunidade regional. Em Portugal e no Brasil, as diferenças assim notadas – denominadas *dialetos* – não dificultam a intercompreensão, como ocorre, por exemplo, na Itália. Sobre esse assunto, leia aqui mesmo o texto de Suzana Marcelino Cardoso, “Falamos dialetos no Brasil?”

O estudo científico dos dialetos implica em percorrer determinado território, selecionar habitantes de baixo nível cultural, nascidos no lugar e filhos de pais igualmente oriundos do lugar, formulando-lhes em seguida um conjunto de perguntas, naturalmente relativas a atividades que eles exerçam, gravando eletronicamente suas respostas. Num segundo momento, anotamos no mapa da região visitada as respostas obtidas; respostas semelhantes apontam para uma área dialetal – em nosso caso, para uma área de falares. O conjunto desses mapas forma o atlas lingüístico. A disciplina que estuda a variação geográfica se chama Dialectologia, ou Geografia Lingüística.

Trabalhos desse tipo foram realizados equipes lideradas por Nelson Rossi (Atlas da Bahia e do Sergipe), Maria do Socorro Aragão (Atlas da Paraíba), Mário Zágari (Atlas de Minas Gerais), Vanderci Aguilera (Atlas do Paraná), entre outros. Está em curso de realização o Atlas Lingüístico do Brasil, coordenado por Suzana Cardoso.

Em São Paulo, Pedro Caruso realizou inquéritos por correspondência, de que resultou, por exemplo, o mapa a seguir, em que foram anotadas as respostas dadas à pergunta “como se chama



aquele brinquedo construído com duas tiras de borracha, presas a uma forquilha na extremidade e costuradas a um pedaço de couro na outra, com o qual atiramos pedras?” As respostas obtidas estão no mapa a seguir:

C A R T A 44

ESTILINGUE

OCCORRÊNCIA ORISA
atiradeira..... 43



LEGE

○ Esti

● Seti

Olhando esse mapa, é possível observar que na região de povoamento mais antigo de São Paulo, no Vale do Paraíba, predominou a resposta *seta*;

nas regiões de povoamento mais recente, a resposta foi *estilingue*, *atiradeira*.

Agora você percebeu que o mapeamento de uma região permite separar palavras “antigas” de palavras “novas”, permitindo também descobrir como o lugar foi povoado.

O primeiro brasileiro a realizar um estudo dialetológico foi o paulista Amadeu Amaral, que em 1920 escreveu *O Dialeto Caipira*. Ele observou os usos do Português em Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos, descrevendo detalhadamente a pronúncia, questões de gramática e o vocabulário da região. Amaral tratou do *r* caipira, e supôs que em pouco tempo o falar caipira desapareceria. Ada Natal Rodrigues refez esses estudos em 1974, pesquisando as regiões de penetração bandeirante (Itu, Porto Feliz, Tietê, entre outros) e constatando a vitalidade



do falar caipira. Outros estudos mostraram que os falantes do *r* caipira discriminam essa variedade, procurando livrar-se dela em situações de fala formal. É impossível saber se essa variedade geográfica, que ocorre no Mato Grosso, em Goiás, em São Paulo e no sul de Minas, vai desaparecer ou vai ser mantida nessas regiões.

Depois de Amadeu Amaral, Antenor Nascentes escreveu em 1922 *O Linguajar Carioca*, passando a chamar a atenção para a importância da Dialetologia. Viajando intensamente pelo país, e mesmo não tendo aplicado o método da geografia lingüística, ele organizou o primeiro mapa dialetológico brasileiro, o qual tem sido levado em conta pelos pesquisadores recentes.

Nascentes dizia que se tomarmos em conta a abertura de *e* e *o* em posição pré-tônica, é possível reconhecer duas grandes áreas dialetológicas no Brasil: o do Norte e o do Sul. O falar do Norte compreende dois subfalares, o amazônico e o nordestino. O falar do Sul compreende quatro subfalares: o baiano, o mineiro, o fluminense e o sulista.

A sociedade brasileira tem-se caracterizado nos últimos 30 anos por uma enorme mobilidade, causada pela intensa urbanização e pela expansão da fronteira agrícola. No começo do século passado, apenas 8% da população habitava as cidades, porcentagem que passou para 36% nos anos 50, 67,6% nos anos 80, e pouco mais de 80% no final do século.

Nos dois casos, passam a conviver brasileiros de regiões geográficas diferentes, usuários de falares igualmente diferentes.

No caso daqueles que se deslocam para as capitais, como é o caso de Brasília e de São Paulo, para ficar apenas com dois exemplos, tem-se observado que quem chega ou procura outros conterrâneos, isolando-se com eles da sociedade envolvente, ou procura integrar-se em seu novo meio. Os primeiros conservam os traços típicos de seu falar. Os segundos apagam os traços mais salientes de seu falar, o que tem permitido descobrir o que eles mesmos consideram mais típico,

mais característico. Já se notou que os candangos nordestinos de Brasília livram-se logo das vogais pretônicas abertas, como em *còronel*, *èvidentemente*, etc.

4. Agora me fale mais sobre as variedades socioculturais do Português Brasileiro

Em vários dos textos aqui disponibilizados, vimos que as línguas variam, não são homogêneas, refletindo com isto as sociedades complexas em que são faladas. Não há uma variedade melhor que a outra.

O que se tem observado é que a urbanização crescente do país põe em contacto duas variedades socioculturais do PB, até então presas aos seus nichos: o Português popular da zona rural, o Português culto das cidades. Presentemente, contactos entre as duas variedades mostram um forte embate entre ambas, a popular mais inovadora e a culta mais conservadora. Esse embate deve estar plasmando o Português Brasileiro do futuro. E o crescimento populacional fez surgir vários centros culturais e políticos no país. Nenhum deles fala “melhor” ou “pior” do que o outro.

Vejamos isto com mais detalhe.

4.1 Português Brasileiro popular e Português Brasileiro culto

Que tipo de língua os colonos portugueses trouxeram para o Brasil? Sem dúvida, a modalidade não-padrão, o português popular. Surpreso?

Pense bem. Qual a classe social dos romanos que invadiram a Península Ibérica? O alto patriciado romano? Nada disso, foi a massa da população ignorante, que esperava tornar-se proprietária das terras conquistadas. E de fato “subiram de nível”, pois melhoraram de vida, e passaram a ensinar aos povos conquistados suas técnicas de plantar, construir casas e de administrar.



A história se repetiu na lusitanização do Brasil. Que portugueses enfrentavam no séc. XVI as incertezas da longa travessia marítima? Os portugueses “bem de vida”? Não, estes financiavam as esquadras e ficavam com grande parte dos lucros. Quem enfrentava os problemas das novas terras, encarava o índio, plantava, construía, e procurava ficar rico eram os sem-terra daqueles tempos. É verdade que não eram uns pobretões acabados. Eles tinham que pagar o transporte nos navios, e a comida que comeriam. Em geral, uma família portuguesa juntava algum dinheiro e despachava um de seus membros, na esperança de que ele “fizesse a América”, e retorna rico, compensando o investimento feito. Isso não fazia deles nobres, posição reivindicada por seus descendentes que deram certo. Porque pobres pobres mesmo, só os degredados e as prostitutas, enviados pela justiça portuguesa às terras americanas, com passagem paga pelo governo. Passagem só de ida, óbvio.

De modo que não foi propriamente o Português falado nas aulas da Universidade de Coimbra que desembarcou em nossas praias. Era o português popular, não-padrão, o primeiro que se fez ouvir nas plagas americanas. Dele deriva, de forma direta, o Português Brasileiro popular. A história sociolinguística às vezes se repete.

Com o passar do tempo, criam-se escolas, fundam-se jornais, uma vida cultural mais rica tem início, e os descendentes desses portugueses iletrados se alfabetizam, lêem, e criam uma divisão sociocultural na sociedade brasileira, surgindo a classe culta, falante do Português culto. Também aqui a história se repetiu: afinal não foi o mesmo que aconteceu na Roma do séc. III a.C.?

Esse quadro formado por duas classes sociais se complica nas cidades, como São Paulo, que receberam no séc. XIX migrantes europeus e migrantes internos. Ambos são contingentes sociais não escolarizados. Ângela Rodrigues refere-se a esta questão ao tratar do português popular de São Paulo no séc. XX:

“Nas grandes capitais brasileiras, principalmente na capital federal e naquelas das regiões Sul e Sudeste, de que São Paulo é legítima representante, verifica-se um fenômeno



especial de variação sociolingüística, explicável pelo intenso fluxo migratório de todas as regiões do Brasil, principalmente do Nordeste, em direção aos grandes centros urbanos. Percebe-se que, na cidade grande, a variedade lingüística que utilizam os migrantes em seus Estados de origem deixa de representar, significar ou simbolizar sua região, já que passam a compor o imenso contingente de mão-de-obra não especializada, uma grande maioria de pobres, analfabetos, membros de um estrato social inferior. A variedade de língua que utilizam, regional na origem, torna-se variedade social, símbolo de uma posição social inferior. Os migrantes vão constituir, com a população da capital e de regiões próximas a ela, pertencentes ao mesmo estrato social, um extenso grupo de usuários de uma variedade popular ou não-padrão, estigmatizada, que se torna, ela mesma, um indicador da classe socioeconômica a que pertencem, pois apresentam características relativamente permanentes, que não se alteram em função de diferentes situações de fala”: Rodrigues (1987).

Em resumo, o Português Brasileiro culto é mais recente que o popular, tendo surgido com a urbanização, que diferenciou a sociedade brasileira em dois níveis sociolingüísticos: a dos escolarizados e a dos analfabetos. As cidades trouxeram as escolas, os teatros, os livros e os jornais. Inicialmente imitando o português culto europeu (a classe administrativa brasileira era formada em Coimbra), pouco a pouco essa classe social encontrou sua personalidade, recolhendo formas populares, mudando outras, até que a partir de 1920 se ergue a consciência de uma identidade lingüística brasileira própria.

Lobo (1998) faz uma importante observação sobre a fases do português popular e a fase de surgimento do português padrão, que passa a conviver com o popular:

“na primeira fase, o país é eminentemente rural, e a sua diversidade lingüística caracteriza-se, principalmente, pela oposição dos dialetos rurais entre si; na segunda fase, o Brasil torna-se um país eminentemente urbano, e a variação diatópica esbate-se em favor de uma variação de tipo diastrático, que opõe falantes de níveis sócio-culturais distintos, com as classes baixas urbanas passando a ser integradas progressiva e majoritariamente pela população de origem rural e seus descendentes”.

Segundo Boris Fausto (1994: 237), os primeiros dados gerais sobre instrução mostram enormes carências nessa área. Em 1872, entre os escravos, o índice de analfabetos atingia 99.9% e entre a população livre aproximadamente 80%, subindo para mais de 86% quando consideramos as



mulheres. Mesmo descontando-se o fato de que os percentuais se referem à população total [estimada nesse recenseamento em 4.6 milhões], sem excluir crianças nos primeiros anos de vida, eles são bastante elevados. Apurou-se ainda que somente 16.8% da população entre seis e quinze anos freqüentavam a escola, no que seria hoje o ensino fundamental. Havia apenas 12 mil alunos matriculados no ensino médio. Calcula-se que chegava a 8.000 o número de pessoas com educação superior no país. Um abismo separava, pois, a elite letrada da grande massa de analfabetos e gente com educação rudimentar.

A escolarização dos brasileiros conheceu muitos progressos desde essa data. Em alguns Estados, como São Paulo, não há mais analfabetos, que continuam entretanto a existir em bolsões de atraso do país, somando pouco mais de 9% da população atual. A variedade popular do PB recuará somente quando todo mundo for escolarizado, promovendo-se um grande nivelamento sociolingüístico.

4.2 Comparando as variedades popular e culta do Português Brasileiro

Antes de mais nada, vamos deixar claro o seguinte. Quando distinguimos “Português popular” de “Português culto”, estamos nos referindo a variedades socioculturais não separáveis rigidamente. Ninguém é exclusivamente “falante popular” nem “falante culto”. As linhas divisórias entre essas modalidades são muito tênues – afinal não se trata de duas línguas diferentes!

Cada variedade sociolingüística é definível, portanto, em termos de um feixe de características, enumeradas abaixo, e o que distingue uma de outra são as freqüências de uso. Por exemplo, é mais freqüente que usuários do Português popular não concordem o verbo com o sujeito – mas nem sempre! Essa característica é mais freqüente entre os usuários do Português culto – mas igualmente, nem sempre! Que brasileiro escolarizado em algum momento já não disse “*chegou aqui depois de muita espera os livros encomendados*”? Quem pratica o Português popular não “fala errado” – apenas opera com a variedade correspondente ao seu nível sociocultural. Quem pratica o Português culto não “fala certo”, de novo apenas se serve da variedade correspondente



ao seu nível sociocultural. Falar errado é não se fazer entender em seu meio, ou usar uma variedade inadequada para o meio em que o falante se encontra. Em suma, a diferença entre Português popular e Português culto é muito mais uma questão de estatística do que de outra coisa qualquer, e os juízos de valor que alguns associam a essas modalidades correm inteiramente à sua responsabilidade, não à da língua em questão.

Você gosta daquelas belas canções italianas? Sabia que em sua maior parte elas são cantadas nos dialetos sulinos da Itália, e ninguém torce a cara para isso? É verdade que num ambiente desconhecido, pelo sim pelo não, é melhor atacar de Português culto. Mas veja bem, essa decisão tem um caráter puramente prático, e não assenta em nenhuma pretensa superioridade de uma variedade sociocultural sobre a outra. Por que será então que no Brasil se faz tanta questão de discriminar o Português popular, considerando-o uma modalidade errada, inferior? Pense em como está organizada nossa sociedade, compare-a à de outros países, e encontre a resposta.

No Quadro a seguir, são reunidas características gerais do PB popular e culto, sem muita preocupação com a descrição de cada região dialetal brasileira.

Várias razões justificam a importância de comparar essas duas variedades:

- (1) Quando se compara o Português Europeu ao Português Brasileiro, é preciso comparar as mesmas variedades entre si. Se compararmos o Português Europeu culto ao Português Brasileiro popular, encontraremos obviamente mais diferenças do que se comparássemos culto com culto e popular com popular.
- (2) Tendo a escola a obrigação de ensinar o Português culto, e levando em conta o ingresso nela de muitos alunos que praticam a variedade popular, é evidente que os professores têm de conhecer bem ambas as variedades, para desenvolver estratégias de, respeitando a popular, expor os alunos à variedade culta. Ou seja, é preciso que professores e alunos conheçam bem ambas as variedades para escolher com adequação e sem preconceito aquela que melhor corresponda à situação de fala: em casa, adota-se a norma familiar, qualquer que ela seja; falando com estranhos, adota-se o Português padrão. É nessa espécie de “bilingüismo interno”, manejado com naturalidade em sociedades desenvolvidas, que se assenta uma percepção democrática de uso da língua materna.



- (3) Finalmente, do ponto de vista científico se viu que a variedade popular é a que pode dar desdobrar-se em outras línguas. O Português veio do Latim Vulgar, não do Latim Culto. Os portugueses trouxeram maiormente para o Brasil o Português Europeu popular. Foi preciso aguardar a escolarização da sociedade e a criação de instituições de cultura elaborada para que se criasse espaço para a variedade de prestígio, que é sempre a variedade culta.

Características do PB popular e do PB culto

PORTUGUÊS BRASILEIRO POPULAR	PORTUGUÊS BRASILEIRO CULTO
PRONÚNCIA DAS VOGAIS E DOS DITONGOS	
Ditongação das tônicas seguidas de sibilante no final das palavras: <i>mêis, luiz</i>	Essas vogais são preservadas: <i>mês, luz</i> .
Átonas iniciais podem nasalar-se: <i>enzame, indução, inleição</i> .	Mantém-se a átona inicial, fluuando sua pronúncia como <i>exame / izame, educação / idução</i>
Abertura das átonas pretônicas no Nordeste (<i>côvardi, nôturno, nêblina, rêcruta</i>), fechamento no Sul (<i>covardi, noturno</i> , etc.). Fechamento maior em palavras dissilábicas, donde <i>filiz, chuver</i>	Mesmos fenômenos.
Queda das vogais átonas postônicas nas proparoxítonas: <i>pêzgu, cosca, oculos</i> , por <i>pêssego, cócegas, óculos</i> . Com isso, predominam as paroxítonas.	Mantêm-sse as átonas postônicas nas proparoxítonas.
Vogais átonas finais <i>-e, -o</i> são mantidas em algumas regiões, e fechadas em outras, encontrando-se as pronúncias <i>pente – penti, lobo – lobu</i> .	Mesmos fenômenos.
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal: monotongação em <i>caxa, pexe, bejo, queijo</i> ; ditongação em <i>bandeija, feichar</i> .	Não ocorre a ditongação
Desnasalação e monotongação dos ditongos nasais finais: <i>hômi, falaru</i> .	Os ditongos nasais são mantidos: <i>homem [ôm-ey], falaram [falárãw]</i> .
Monotongação dos ditongos crescentes átonos em posição final: <i>ciença, experiência, negoço</i> .	Manutenção desses ditongos: <i>ciência, experiência, negócio</i> .
PRONÚNCIA DAS CONSOANTES	
Retroflexão do <i>r</i> na área dos falares caipiras, seja no final ou na posição inicial de sílaba e nos grupos consonantais: <i>porta, caro, cobra</i> . No Nordeste e no Rio de Janeiro, vibração posterior. No Sudeste e Sul, vibração anterior.	Mesmos fenômenos, com a tendência a discriminar o <i>r</i> retroflexo em situações formais.
Troca de <i>l</i> por <i>r</i> em final de sílaba e em grupos consonantais: <i>marvado, pranta</i> .	Manutenção do <i>l</i> : <i>malvado, planta</i> .
Troca de <i>v</i> por <i>b</i> em palavras tais como <i>barrer, bassoura, berruga, bespa</i> , em Pernambuco, Bahia e São Paulo.	Manutenção de <i>v</i> : <i>varrer, varroura, verruga, vespa</i> .
As dentais <i>t</i> e <i>d</i> em posição final (1) podem ser mantidas como tais, (2) palatizadas, como em <i>denti, pòdi</i> , (3) africadas como em <i>dentfi, pôdʒi</i> .	Mesmos fenômenos.
Iodização da palatal <i>lh</i> : <i>oreya, vèyu</i> .	Manutenção da palatal: <i>orelha, velho</i> .
Espiração e perda de <i>-s</i> final: <i>vamoh > vamo; poih</i>	Manutenção da sibililante: <i>vamos, pôs</i> .



> <i>pô</i> .	
MORFOLOGIA	
Morfologia nominal e pronominal	
Perda progressiva do <i>-s</i> para marcar o plural, que passa a se expresso pelo artigo: <i>os hòmi, as pessoa</i> .	Manutenção das regras redundantes de marcação do plural, salvo na fala rápida: <i>os homens, as pessoas</i> .
Perda do valor do sufixo <i>-ior</i> nos comparativos de superioridade, utilizando-se o advérbio <i>mais</i> : <i>mais mió, mais pió</i> .	Preservação do valor comparativo do sufixo <i>-ior</i> : <i>melhor, pior</i> .
Alterações no quadro dos pronomes pessoais: generalização do reflexivo <i>se</i> para a primeira pessoa (<i>eu se esqueci, nós não se falemo mais</i>), perda do pronome <i>o</i> , generalização do pronome <i>lhe</i> , substituição de <i>tu</i> por <i>você</i> no centro do país, substituição de <i>nós</i> por <i>a gente</i> .	O pronome reflexivo ou mantém sua pessoa gramatical, na terceira pessoa (<i>ele se esqueceu</i>) ou é omitido (<i>eu esqueci</i>). A perda de <i>o</i> na língua falada se difunde, mantendo-se apenas na língua escrita. Usa-se <i>tu</i> apenas nas regiões Norte e Sul do país, neste caso sem com ele concordar o verbo: <i>tu sabe de uma coisa?</i>
Redução do quadro dos pronomes possessivos para <i>meu / seu / dele</i> , com perda progressiva de <i>teu</i> nas regiões em que desapareceu <i>tu</i> .	Mesmas características. O pronome <i>teu</i> pode aparecer em contextos marcados, alternando com <i>seu</i> : <i>Meta-se com os seus negócios, isto não é da tua conta!</i>
Redução dos pronomes demonstrativos a dois tipos: <i>este/esse</i> , para indiciar objetos próximos ou para retomar informações próximas, mantendo-se <i>aquele</i> para indiciar objetos e informações remotas.	Mesmas características.
Generalização do pronome relativo <i>que</i> , perdendo-se <i>cujo, onde</i> .	Mesmas características.
Morfologia verbal	
Elevação da vogal temática no pretérito perfeito do indicativo: <i>fiquemo, falemo, bebimu</i> .	Manutenção da vogal temática, continuando indistintos o presente e o pretérito: <i>ficamos, falamos, bebemos</i> .
Simplificação na morfologia de pessoa, dadas as alterações no quadro dos pronomes pessoais, reduzindo-se a conjugação a apenas duas formas diferentes: <i>eu falo, você / ele / a gente / eles fala</i> . Por hipercorreção, pode-se ouvir <i>a gente falamos</i> .	A morfologia de pessoa reduz-se a três, às vezes a quatro formas diferentes: <i>eu falo, você / ele / a gente fala / eles falam</i> .
SINTAXE	
Simplificação da concordância nominal, expressa apenas pelo determinante (como em <i>as pessoa</i>), e acentuada quando o substantivo e o adjetivo vêm no diminutivo (<i>aqueles cabelim branquim</i>). A concordância é ainda visível quando há saliência fônica diferenciando a forma singular da forma plural, como em <i>as colheres</i> .	Manutenção da concordância nominal com redundância de marcas: <i>as pessoas, aqueles cabelinhos branquinhos</i> .
Simplificação da concordância do verbo com o sujeito: <i>as pessoa fala, fala, mas não resolve nada</i> . Ocorrendo saliência fônica entre as pessoas do verbo, mantém-se a concordância: <i>as pessoa saíru, mas elas são bão</i> .	Mantém-se a concordância do verbo com o sujeito, mas a regra pode não se aplicar quando o sujeito é posposto e separado do verbo por expressões várias: <i>Faltou mesmo depois de tanta luta as respostas mais interessantes</i> .
Predominância do sujeito expresso e colocado antes do verbo, evitando-se o sujeito posposto.	Mesma característica. Sujeito “pesado”, isto é, constituído por muitas sílabas tende a pospor-se, mas a sintaxe torna-se progressivamente mais rígida.



Objeto direto pronominal expresso pelo pronome <i>ele</i> (<i>eu vi ele</i>) ou por <i>lhe</i> (<i>eu não lhe conheço</i>). Objeto indireto expresso por pronome demonstrativo neutro e complemento oblíquo tendem a aparecer antes do verbo: <i>Isso eu quero</i> , <i>Isso eu preciso</i> .	Discreta preferência pelo objeto direto omitido: <i>eu vi Ø</i> . Na fala culta espontânea é comum dizer-se <i>eu vi ele</i> , mas ainda é raro o uso de <i>lhe</i> como objeto direto. Mesmas características nos demais casos.
Abundância de construções de tópico com retomada pronominal no interior da oração: <i>A menina, ela chegou agora mesmo</i> .	Mesma característica.
Preferência pela oração relativa cortadora, em que se omite a preposição antes do pronome relativo (<i>perdi a revista que a capa estava rasgada</i>) e pela relativa copiadora, em que se insere pronome pessoal depois do relativo (<i>o menino que ele chegou trouxe a correspondência</i>). Nos dois casos, nota-se que o relativo se “despronominaliza” e é cada vez mais apenas uma conjunção.	Preferência pela oração relativa padrão, sobretudo na variedade escrita: <i>perdi a revista cuja capa estava rasgada, o menino que chegou trouxe a correspondência</i> . Na variedade falada espontânea já se encontram as relativas cortadora e copiadora.
Preferência pela oração substantiva “dequeísta”: <i>Ele falou de que não sabia de nada</i> .	Preferência pela oração substantiva “não-dequeísta”: <i>Ele falou que não sabia de nada</i> .

Consultando o Quadro acima, aprende-se que (1) não há uma oposição categórica entre fala popular e fala culta, ocorrendo em muitos casos um compartilhamento de propriedades; (2) em certos casos, a preferência culta exclui fortemente a preferência popular; (3) em situações informais, diminui a distância entre essas variedades, e o falante culto pode aproximar-se bastante da execução popular, ainda que não em todos os casos; (4) as variedades populares flutuam de acordo com a região geográfica, mas a fala culta é um pouco mais homogênea, sobretudo em sua forma escrita.

4.3 O problema do Português Brasileiro padrão

Você já notou que há um grande interesse em se saber qual é o melhor Português falado e escrito no Brasil. Muitas perguntas são feitas. Algumas respostas têm sido estas:

(1) “O melhor Português é o de São Luís do Maranhão, por causa da influência francesa”.

Esquisito, não? É o Francês que especifica que Português é o melhor? Já se comprovou que as classes cultas brasileiras falam como em São Luís?



- (2) “O melhor Português é o dos escritores clássicos, como o de Camões, Pe. Vieira, o Pe. Bernardes, Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, e aqui no Brasil, Machado de Assis, Euclides da Cunha. Para ser bamba em Português você tem que ler todo dia esses autores”.

Esta é outra esquisitice: lendo o Português dos jornais e das revistas, ou mesmo dos autores contemporâneos, o que se vê aí é parecido com o modo de escrever dos clássicos? Por outro lado, se para escrever bem é preciso imitar os clássicos, e portanto a língua não muda, devendo ficar parada entre os séculos XVI e XIX? É claro que qualquer pessoa deve ler extensivamente os textos literários. Mas isso para a formação de um repertório cultural, e pelo prazer da leitura. Não para aprender gramática.

Por outro lado, é impossível comprovar que o padrão culto é aquele documentado na língua literária. Há um padrão da língua falada, que corresponde aos usos lingüísticos das pessoas cultas. Há um padrão da língua escrita, que corresponde aos usos lingüísticos dos jornais e revistas de grande circulação, os únicos textos que garantidamente estão ao alcance da população. Ambos os padrões apresentam as variações lingüísticas comuns às sociedades complexas.

Já a língua literária é outra coisa, pois assenta num projeto estético que impulsiona os autores a, justamente, distanciar-se da escrita do dia-a-dia, buscando um veio próprio, singular, diferenciado, não-padrão. É um desrespeito tratar os grandes escritores da língua como meros fornecedores de regras de bom Português, para uso das escolas. Como diríamos coloquialmente, os escritores estão em outra, para sorte de seus leitores.

- (3) “O melhor Português é o do Rio de Janeiro, que foi capital da Colônia, do Reino Unido e do Império. Além do mais é um grande centro cultural, irradiador das novas modas e comportamentos”.

Essa resposta valeu até os anos 50, num período em que o Rio de Janeiro era a maior cidade do Brasil, e todo mundo ouvia a Rádio Nacional. Em alguns congressos, sua variedade lingüística foi considerada por essa época o Português padrão do Brasil, tendo sido utilizada na preparação

de livros didáticos por professores do Rio de Janeiro, impressos por editoras localizadas em sua maioria na mesma cidade. Mas a verdade é que nunca se comprovou que as classes cultas brasileiras falavam como os cariocas, nem que passassem a falar como tal.

- (4) “O melhor Português é o de São Paulo, por que é uma cidade rica, e a maior cidade de língua portuguesa no mundo”.

Bom, aqui estaríamos trocando seis por meia dúzia, pois manteríamos o raciocínio de que o Português padrão está localizado em alguma cidade, em algum lugar por aí. Também estaríamos aceitando que o dinheiro muda o comportamento linguístico das pessoas.

Por outro lado, a pesquisa lingüística levada a efeito por grandes projetos coletivos dos anos 70 confirmaram a hipótese de Nelson Rossi sobre o policentrismo da sociedade brasileira, nucleada - após a intensa urbanização do país - no Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul: Rossi (1968). Hoje se sabe que surgiram aí padrões marcados por escolhas fonéticas e léxicas que se não complicam a intercomunicação, pelo menos não escondem os diferentes modos de falar dos brasileiros cultos, objeto de consideração nas escolas.

Impossível, portanto, escolher uma variedade regional e considerá-la o padrão do Português Brasileiro. Que cada região descreva sua variedade culta e a recomende para uso em suas escolas, sem preconceitos calcados na velha história de que “a galinha do vizinho é mais gorda que a minha”.

5. Principais diferenças entre o Português Brasileiro e o Português Europeu

O tipo de Língua Portuguesa trazida para o Brasil, os contactos lingüísticos com índios, africanos e as línguas de migração, a intensa urbanização do país e o avanço da fronteira agrícola, misturando os falares sulistas aos nordestinos, tiveram como grande resultado provavelmente a manutenção do Português Arcaico do séc. XV, com pequenas contribuições dos não-falantes do



Português. Era esse o momento histórico da língua praticada pelos portugueses que embarcaram para cá, ao longo do séc. XVI.

No Quadro a seguir são enumeradas as principais diferenças atuais entre o Português Brasileiro e o Português Europeu.

Diferenças entre o Português Brasileiro e o Português Europeu

PORTUGUÊS BRASILEIRO	PORTUGUÊS EUROPEU
FONÉTICA E FONOLOGIA	
Há 7 vogais tônicas: <i>a, ê, è, i, ô, ò, u</i> . Não se distingue a vogal temática <i>a</i> no presente e no pretérito: <i>falamos</i> . A vogal <i>e</i> se mantém como anterior média fechada antes de palatal: <i>espelho, fecho</i> . Há 5 vogais átonas pretônicas, e todas soam claramente: <i>a, e, i, o, u</i> . Todas elas são pronunciadas, e assim, não se confunde <i>de frente</i> com <i>diferente</i> . Nessa distribuição, não há distinção entre <i>ê</i> e <i>è</i> , e por isso pronuncia-se da mesma forma <i>pregar um prego</i> e <i>pregar na igreja</i> . Há 3 vogais átonas finais: <i>a, i, u</i> , estes escritos com <i>e, o</i> : <i>pata, pede, peço</i> .	Há 8 vogais tônicas: <i>a, ä, ê, è, i, ô, ò, u</i> , distinguindo-se um <i>a</i> central baixo, como no presente <i>falamos</i> , de um <i>a</i> mais alto, como no pretérito <i>falämus</i> . A vogal <i>e</i> antes de palatal é dita <i>ä</i> : <i>ixpälhu, fächu</i> . Há 8 vogais átonas pretônicas, em que <i>ê</i> fechado move-se para <i>ë</i> , como em <i>pëqueno</i> , mas a tendência é omiti-las, como em <i>telefone</i> [<i>tulfòn</i>], <i>pedido</i> [<i>p'didu</i>], etc. Pedir num hotel <i>um apartamento de frente</i> será entendido como “um apartamento diferente”. Nessa distribuição, distingue-se <i>ê</i> de <i>è</i> , e por isso pronuncia-se diferentemente <i>prêgar um prego</i> e <i>prègar na igreja</i> . Há 3 vogais átonas finais: <i>ä, ê, u</i> .
O ditongo oral <i>ey</i> pode manter-se ou monotongar-se (<i>terreiru / terrêru</i>) e o ditongo nasal <i>~ey</i> mantém-se, como em <i>bem</i> , dito <i>b~ey</i> .	Esses ditongos soam como <i>äy</i> e <i>äy</i> : <i>t'rräyru, bây</i> .
Ditonga-se a vogal final seguida de sibilante: <i>luis, atrais</i> .	Não há essa ditongação.
Sílabas terminadas por oclusiva recebem uma vogal, transformando-se em sílabas abertas: <i>adevogado, abissoluto, pissicologia</i> .	Essas sílabas continuam fechadas: <i>advogado, absoluto, psicologia</i> .
Pronuncia-se da mesma forma a consoante <i>-l</i> e a semivogal <i>-w</i> em posição final: o advérbio <i>mal</i> e o adjetivo <i>mau</i> são pronunciados da mesma maneira.	O <i>-l</i> é lateralizado, como no PB do Rio Grande do Sul, não se confundindo com a semivogal <i>-w</i> .
O <i>r</i> pode ser vibrante simples (<i>caro</i>), vibrante múltiplo anterior (<i>carro</i>), vibrante múltiplo posterior (<i>káRu</i>) ou velar surda (<i>káxu</i>).	Predomina a vibrante múltipla anterior, como no espanhol.
MORFOLOGIA	
Simplifica-se a morfologia nominal, com a perda de <i>-s</i> indicador de plural na variedade popular, tanto quanto a morfologia verbal.	A morfologia nominal e verbal não apresentam essas simplificações, exceto em alguns falares regionais.
O quadro dos pronomes pessoais foi alterado para <i>eu / você / ele / nós~a gente / eles</i> . A morfologia verbal se reduz a 4 formas diferentes: <i>falo, fala, falamos, falam</i> . Em consequência, mudarão as regras de concordância do verbo com o sujeito.	O quadro dos pronomes pessoais permanece como <i>eu / tu / ele / nós / vós / eles</i> . A morfologia verbal dispõe de 6 formas diferentes: <i>falo, falas, fala, falamos, falais, falam</i> .



Os pronomes reflexivos tendem a desaparecer: <i>nos nossos dias não usa mais saia.</i>	Os pronomes reflexivos se mantêm. O reflexivo <i>si</i> , em <i>isto é para si</i> , refere-se ao interlocutor.
SINTAXE	
No tratamento, usa-se <i>você</i> quando há intimidade, e <i>o senhor</i> nas situações informais. Nas regiões em que se mantêm o tratamento informal <i>tu</i> , o pronome <i>você</i> marca a busca de certo distanciamento.	Até o séc. XVI, usava-se <i>tu</i> para o tratamento informal e <i>vós</i> para o tratamento formal. <i>Vós</i> era substituído por <i>Vossa Mercê</i> para tratar o rei, depois os nobres (e aí o rei passou a ser tratado por <i>Vossa Majestade</i> , <i>Vossa Alteza</i>). <i>Vossa Mercê</i> foi em seguida aplicado ao tratamento cerimonioso da burguesia, vindo finalmente a concorrer com <i>tu</i> .
O pronome <i>ele</i> pode funcionar como objeto direto, redobrar uma construção de tópico, e aparecer na oração relativa copiadora, respectivamente: <i>Maria viu ela / A Maria, ela ainda não chegou / O menino que ele chegou.</i>	<i>Ele</i> só funciona como sujeito, o objeto direto pronominal é expresso por <i>o</i> , e não existem construções de tópico nem relativas copiadoras.
Os pronomes átonos, por serem na verdade semi-átonos, podem iniciar oração, preferindo-se a próclise: <i>Me passa o bife.</i>	Os pronomes átonos não podem iniciar oração, preferindo-se a ênclise: <i>Passa-me o bife.</i>
Usa-se <i>ter</i> em lugar de <i>haver</i> nas construções existenciais: <i>Hoje não tem comida.</i>	Usa-se apenas <i>haver</i> nas construções existenciais: <i>Hoje não há comida.</i>
Verbos de movimento são construídos com a preposição <i>em</i> : <i>Vou na feira.</i>	Verbos de movimento são construídos com a preposição <i>a</i> : <i>Vou à feira.</i>
Ocorre a negação dupla: <i>não sei não.</i>	Prefere-se a negação simples: <i>não sei.</i>
Amplia-se o uso da perífrase <i>estar + gerúndio</i> : <i>estou falando.</i>	Prefere-se a perífrase <i>estar + a + infinitivo</i> , mais recente que a anterior: <i>estou a falar.</i>
Preenche-se o lugar de sujeito e elide-se o objeto direto: <i>Ele já viu Ø.</i> O sujeito elíptico é interpretado como um participante indeterminado: <i>usa saia</i> quer dizer <i>alguém usa saia.</i>	Elide-se o sujeito e preenche-se o lugar do objeto direto com o clítico <i>o</i> : <i>Ø já o viu.</i> O sujeito elíptico é interpretado como um participante determinado: <i>usa saia</i> quer dizer <i>determinada pessoa usa saia.</i>
O sujeito vem anteposto ao verbo, e o objeto direto, posposto: <i>Maria comeu o chocolate.</i>	O sujeito pode vir posposto ao verbo, antepondo-se o objeto direto: <i>O chocolate comeu-o Maria.</i>
Na oração infinitiva, o sujeito preposicionado aparece com pronome oblíquo: <i>isto é para mim fazer.</i>	Nessa oração, o pronome permanece no caso reto: <i>isto é para eu fazer.</i>

Olhando o quadro acima, o que você acha: existe uma língua brasileira, diferente da portuguesa de Portugal? As diferenças entre uma modalidade e outra impedem a compreensão? Vá ao Portal da Língua Portuguesa, ouça algumas amostras de falas portuguesas e brasileiras, e tire sua conclusão.

É verdade que num primeiro momento temos algumas dificuldades ao ouvir um português falar. É preciso “treinar um pouco o ouvido”. Mas também é verdade que mesmo no Brasil se notam diferenças geográficas e socioculturais na fala dos brasileiros. Então por que as coisas ficaram

assim? Você que viajou até aqui, não saia agora do trem, e veja como outras pessoas encararam essa questão.

6. Tentando entender por que o Português Brasileiro é como é_

Uma pergunta que habitualmente nos fazemos é a seguinte: “por que o Português Brasileiro é como é? Por que ele é diferente do Português Europeu, e como isso aconteceu?”

Essas perguntas se acentuaram quando o Brasil se tornou independente de Portugal, em 1822. O nacionalismo que caracterizou a época reclamava que os brasileiros tinham ficado independentes também lingüisticamente, e já falávamos o Brasileiro. O primeiro formulador dessa preocupação foi Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, num texto que ele escreveu para o *Atlas Etnográfico do Globo*, preparado por Adrien Balbi (1824-1825).

Desde então, descrever, historiar e interpretar o Português Brasileiro foi um tema definitivamente incorporado à cultura nacional. Esse esporte tomou pelo menos três direções:

- (1) Já temos uma Língua Brasileira, que resulta da evolução biológica do Português Europeu.
- (2) O Português Brasileiro é como é por causa da influência das línguas indígenas e africanas, sobretudo destas. Ele deriva de um crioulo*
- (3) O Português Brasileiro é uma continuação natural do Português Europeu, refletindo hoje o que foi o Português Arcaico do séc. XV; de acordo com esta direção interpretativa, quem mudou foi o Português Europeu, depois do séc. XVIII, e nós ficamos na nossa.

Vamos detalhar isso, e assim você poderá escolher o partido que melhor o tenha convencido.

6.1 O Português Brasileiro representa uma evolução biológica do Português de Portugal?_

Os românticos respondiam afirmativamente a isto, fundamentando-se numa identificação das línguas naturais aos organismos biológicos – lembre-se o prestígio que a Biologia evolutiva começou a ter desde essa época.

Eles pensavam que assim como a Língua Portuguesa tinha surgido do Latim Vulgar na Europa, do mesmo modo da Língua Portuguesa surgiria a Língua Brasileira na América. Era uma questão de evolução natural, como aquela que ocorria nas espécies. O fenômeno teria sido favorecido pela influência das línguas indígenas e das línguas africanas, um nicho ecológico inexistente em Portugal, e que eles consideravam decisivo para a criação de uma nova língua no Brasil.

Hoje se sabe que a animação provocada pelo Movimento da Independência do país em relação a Portugal levou a uma leitura deficiente de alguns lingüistas da época. Segundo lhes parecia, esses lingüistas interpretavam a língua como um mecanismo biológico, capaz de nascer, procriar e morrer. Tal e qual. Mas Edith Pimentel Pinto esclareceu o ponto, transcrevendo o que um desses lingüistas dizia, mais propriamente o que o citadíssimo Whitney dizia:

"a linguagem não é um feito natural, uma propriedade biológica, mas um fato social (...); [é preciso] reconhecer a sociedade como árbitro soberano pelo qual se decide a questão de saber se uma inovação passará à língua. É preciso que alguém comece: se não o seguem, está abortada": Pinto (1978, págs. LI-LII). E mais além: *"do trabalho imperceptível de alteração da língua, realizado pelo falante, cujo conjunto lentamente modifica o todo, decorrem variações de ordem geográfica e social, estas diretamente associadas à profissão, grau de educação, idade e classe social":* ibidem.

Estas observações de Edith Pimentel Pinto enterraram de vez o hábito de associar a mudança da linguagem humana à evolução dos organismos biológicos.

6.2 O Português Brasileiro deriva de um crioulo?

A anterior direção interpretativa sobre o Português Brasileiro se fundamentava numa percepção biológica da língua. A direção aqui examinada se fundamenta numa percepção social da língua: a língua é o que nós somos. Ora, a nação brasileira é bastante mestiça, e isso talvez explicasse nossas diferenças em relação a Portugal.



Para entender bem as coisas, os lingüistas que acreditam nesta direção estudaram os processos de contactos lingüísticos dos portugueses com os índios e com os negros. Eles descobriram que há duas fases desses contactos: a fase pidgin* e a fase do crioulo*.

Quando falantes de línguas diferentes se encontram, movidos por interesses apenas comerciais, eles desenvolvem espontaneamente uma língua de emergência, bastante rudimentar, denominada pidgin. A própria palavra pidgin já resulta desse interesse econômico, pois é uma alteração do Inglês *business*, “negócio”.

Caso os contactos comerciais se consolidem, o pidgin muda de figura, torna-se mais complexo, mais apto a melhorar a comunicação, e aí evolui para um crioulo. São chamados crioulos as adaptações de uma língua européia por falantes de outras línguas, em geral africanas e asiáticas, com as quais os europeus entraram em contacto por interesse mercantil.

Uma das diferenças entre crioulo e pidgin, é que uma pessoa pode aprender o crioulo na infância, por ter nascido numa comunidade de fala crioula. Quer dizer que o crioulo é uma língua “natural”, no sentido de que uma pessoa ao nascer aprende essa língua, como qualquer outra. O crioulo é portanto uma língua nativa, o pidgin, não.

Finalmente, é preciso saber que um crioulo pode “descrioulizar-se”, identificando-se progressivamente com a língua européia que lhe deu origem. Isso parece estar acontecendo em Cabo Verde.

Adolfo Coelho (1880: 43), num texto pioneiro sobre a crioulística de base portuguesa, afirma que *"diversas particularidades características dos dialetos crioulos repetem-se no Brasil"* lançando pela primeira vez a teoria da base crioula do PB. João Ribeiro, num texto de 1889, reforçou a hipótese crioulista. Segundo esse autor, há uma sorte de "bilingüismo interno" na comunidade brasileira, que pratica a língua portuguesa quando escreve, e uma variedade dialetal, a que chamou "crioulo", quando fala: apud Pinto (Org. 1978).



Também Serafim da Silva Neto (1951) acreditava que uma base crioula explicaria as diferenças entre o PB e o PE, que começaram a acentuar-se a partir do séc. XVII. Segundo ele, essa base introduziu inovações no PB ao passo que, num movimento inverso, os falares rurais manifestaram uma tendência conservadora. Se essa hipótese estiver certa, a incontestável importância dos falares urbanos no Brasil contemporâneo neutralizará a tendência conservadora, acelerando seu afastamento em relação ao PE.

À hipótese crioulista, Chaves de Melo (1946) tinha agregado uma explicação ainda não comprovada: a de que a notável uniformidade do PB se deve à difusão dos falares crioulos gerados na costa, e levados ao interior pelas bandeiras paulistas. Já Révah (1963) acha muito difícil que crioulos constituídos a partir de contactos distintos (portugueses - indígenas, portugueses - africanos) pudessem ter-se amalgamado, dando surgimento a uma variedade lingüística uniforme como o PB.

Finalmente, Tarallo (1986) argumenta que a hipótese crioula não deveria "*permanecer em nossa agenda*", pois o PB em seu processo de mudança não se aproxima do PE. Se tivéssemos tido um crioulo no Brasil, a europeização do país ocorrida no sec. XIX teria desencadeado um processo de descrioulização, e hoje estaríamos falando como os portugueses – o que vem acontecendo em algumas ex-colônias africanas.

Gregory Guy voltou a defender a base crioula do PB, a partir de 1981, sustentando que nossa língua tem uma base africana. Em seu trabalho, ele exclui a possibilidade de um crioulo indígena, visto que os nativos brasileiros não desenvolveram com os portugueses o tipo de relacionamento social e de situações que costumam levar à criouliização. Ele estabelece um plano cuidadoso para examinar a hipótese crioulista, o qual se desdobra em duas ordens de discussão: a busca de evidências lingüísticas, e a história social da criouliização do Português.

Sendo o crioulo uma língua de contacto, ela vai guardar as marcas típicas de aquisição de uma



segunda língua: regularização da flexão, a predominância dos morfemas-raízes, a redução da complexidade derivacional. Ele alerta que é necessário descartar aqui as mudanças espontâneas, de caráter universal, fixando-se naquelas específicas do processo de crioulização. Assim, traços fonológicos como a perda do –S e a desnasalação de vogais e ditongos finais, são comuns à história do Português e à de outras línguas românicas, e portanto não são atribuíveis a uma base crioula. Já o mesmo não ocorre com traços morfológicos e sintáticos como a concordância nominal e verbal, particularmente a marcação do plural no primeiro termo da expressão (como em *as criança*) e a preservação da concordância verbal unicamente nos casos de saliência morfológica (como em *os menino são alto*, em comparação com *os menino fala*, em que a ausência de concordância se deve à proximidade entre as formas *fala* e *falam*) não tem precedentes na história do Português, nem na das línguas românicas.

Segundo Guy, esse fenômeno fornece evidências indiretas à hipótese crioulista, pois num primeiro momento as regras de concordância foram apagadas (perda da concordância nominal e verbal, quando o sujeito é posposto) e num segundo momento, de descrioulização, recuperou-se a regra, sob certas circunstâncias (pluralização do SN dependente da ordem de seus constituintes, concordância verbo-sujeito dependente da saliência morfológica do verbo). Ora, as soluções encontradas pelo PB são documentadas em outras variedades crioulas tanto do Português quanto do Espanhol. Além disso, nas línguas Bantu, Ioruba e Ibo a marcação do plural se faz mediante prefixos ou clíticos, sempre localizados no começo da expressão. Finalmente, ele agrega outras evidências lingüísticas, merecedoras de uma análise mais acurada: a contribuição lexical dos africanos, o desuso em que caíram largas partes do paradigma verbal, o uso de *se* como partícula reflexiva não declinada (em *nós se conhecemo aqui*, por exemplo).

Do ponto de vista da organização social brasileira, a questão crucial é, segundo Guy, “como o Português poderia ter evitado a crioulização”? Até 1850, o país recebeu 3.600.000 escravos, 38% de todo o tráfico negreiro, nove vezes mais que os africanos levados para os Estados Unidos. Os brasileiros brancos constituíam um grupo minoritário. Portanto, todas as condições se reuniram aqui para a formação de crioulos.



Então por que teria ocorrido uma rápida descrioulização do PB? Por causa da maciça europeização do país, que ocorreria sobretudo após o séc. XIX, fato não ocorrido no Haiti e na Jamaica, em que a população negra ainda é de 90% hoje em dia. Tivemos, assim, um quadro de crioulização atípica, que conduziu o PB a uma situação complexa em seu desenvolvimento lingüístico, nem tipicamente crioulo, nem tipicamente não-crioulo.

Admitindo-sse uma origem quase-crioula do português popular brasileiro, pode-se chegar a uma explicação unificada para as descrições dos dialetos rurais crioulizados, que testemunham ainda hoje um estágio altamente crioulo da variedade popular, anteriormente bastante espalhada pelo território. Em suma, o Português Popular Brasileiro seria um vestígio da fase crioula.

Nem todo mundo concorda com Gregory Guy. Fernando Tarallo, por exemplo, argumenta que a descrioulização suposta por Guy nos teria levado de volta ao PE, o que estudos recentes não comprovam. Para isso,

“o PB teria literalmente que se virar pelo avesso e de ponta-cabeça. Sujeitos teriam que começar a ser nulos outra vez (...), enquanto objetos teriam que começar a receber pronomes clíticos outra vez. No caso dos sujeitos, a gramática do PB teria que deixar sua configuração sintática e começar a ser mais orientada para o discurso; com respeito aos objetos, a variável discursiva teria que ser substituída por uma orientação mais sintática na sua derivação”.

Se é verdade que a língua escrita nos aproxima de Portugal, a língua falada aponta para outros rumos.

Mas os estudos crioulistas retomaram sua força na década dos 90. Hildo Honório do Couto funda a revista *Papia*, considerando que *“os crioulos de base ibérica (...) permanecem quase inexplorados”*. Alan Baxter e Dante Lucchesi redefiniram o crioulo do ponto de vista da história social como *“uma língua que nasce em circunstâncias sócio-lingüísticas especiais que conduzem à aquisição de uma primeira língua, com base em um modelo defectivo de segunda língua”* (p.



69). Do ponto de vista de sua estrutura, eles mostraram que “a partir da década de 60, os lingüistas começaram a insistir no fato de as línguas crioulas apresentarem fortes semelhanças estruturais, a despeito de que línguas estivessem envolvidas em sua formação”(p. 70). Eles mencionam a definição atual de crioulo:

“um processo de transmissão irregular de L2 para L1 em que a L2 foi alterada devido a problemas de acesso à língua alvo (isto é, a língua do grupo dominante) e, possivelmente, à influência das línguas maternas dos falantes desta L2. Nessas circunstâncias, no desenvolvimento, na aquisição / criação da nova L1 (a língua crioula em potencial), acontecem inovações orientadas por universais e pelas outras línguas maternas presentes. As inovações preenchem as lacunas ou opacidades causadas pela diluição do modelo para aquisição. Tal processo é variável.

Esses autores aplicam tal quadro teórico ao estudo do crioulo de Helvécia, Bahia.

Como você pôde ver, a interpretação crioula do Português Brasileiro é uma forte tentação, uma idéia que vai e que vem, mas que aparentemente não nos larga.

Mas então, quando o Português Brasileiro começou a se afastar do Português Europeu?

Pesquisas feitas a partir dos anos 80, e reunidas no livro de Roberts-Kato (Orgs. 1993), localizam no século XIX o momento crucial desse afastamento, comprovado pelas alterações no quadro dos pronomes pessoais, a perda da inversão do sujeito, o preenchimento mais sistemático da função de sujeito, isto é, o desaparecimento do famoso “sujeito oculto”, não preenchimento do objeto direto, isto é, o surgimento do “objeto direto oculto”, entre outras características do PB.

O séc. XIX, com seu forte branqueamento da população brasileira, ainda vai dar muito o que falar. Teria a europeização brusca do país e suas novas circunstâncias econômicas afetado nossa língua? Essa interpretação é parcialmente negada pelos que acham que debaixo de nossos coqueiros continuamos mesmo é a falar o Português Arcaico, que desembarcou das caravelas no séc. XVI, juntamente com Pero Vaz Caminha e sua carta, a mania da saudade, e uma vontade



louca de sair catando pepitas de ouro por aí. Estamos chegando à terceira linha interpretativa da língua que falamos.

6.3 O Português Brasileiro é uma continuação do Português Arcaico?

Os lingüistas que aceitam esta explicação acreditam que as línguas naturais mudam continuamente com o tempo, obedecendo porém a linhas de força desenhadas por sua própria estrutura. Descrever a estrutura é identificar essas linhas de força, tecnicamente conhecidas como derivas. Por outras palavras, descreva primeiro a sua língua, e aí você poderá entender como ela muda ao longo dos séculos.

Parece, então, que o Português Brasileiro (PB) resulta de uma mudança natural, explicada por tendências evolutivas que tinham começado já na Península Ibérica. Segundo essa hipótese, poderíamos dizer que o Português Brasileiro é uma continuação do Português Arcaico. Sobre essa base lingüística se aplicariam ajustes, dando continuidade a uma deriva própria ao Português Europeu (PE). Nesse sentido, a pergunta a fazer será não “por que o PB tomou rumos diversos em relação ao PE”, mas sim “por que a modalidade européia não mudou na mesma direção”, tendo optado por outros rumos.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1957) foi o primeiro a defender a hipótese da deriva ou mudança natural, quando procurou uma razão estrutural, interna, para explicar o uso brasileiro do *ele* acusativo, na expressão “eu vi ele”. Ele argumenta que a próclise de *o* ao verbo cria um vocábulo fonético em que o pronome, aí tratado como uma vogal átona, cai, exigindo-se a escolha de outro pronome para o preenchimento da função de objeto direto. Quer dizer, se disséssemos “eu o vi”, as duas últimas palavras soariam como “uvi”, em que “u” será tratado como uma vogal átona qualquer, candidada a desaparecer. É o que fazemos com a primeira vogal de “imagina!”, que dizemos habitualmente “magina!” O problema é que, se em “magina” o “i” inicial não faz falta, em “uvi” a primeira vogal é o objeto direto de “ver”, e faz uma falta danada! Para ajeitar as coisas, passou-se a usar o pronome “ele”, e com isso temos hoje em dia “eu vi ele”.



Ele retornaria ao tema, excluindo a possibilidade de um crioulo de base indígena, porque as línguas indígenas “*foram substituídas no intercuro dos índios com os brancos por uma língua única - o chamado Tupi*”, restringindo-se aos empréstimos léxicos sua contribuição ao PB. Quanto às línguas africanas,

“os escravos negros adaptaram-se ao português sob a forma de um falar crioulo. (...) É claro, entretanto, que não se dariam mudanças fonológicas e gramaticais profundas sem correspondência com as próprias tendências estruturais da língua portuguesa”: Câmara Jr. (1963: 75, 77).

Como se vê, Câmara Jr. gradua o impacto das línguas indígenas e africanas sobre o PB e, embora admita a existência de um crioulo africano, em nenhum momento afasta a hipótese da mudança natural, ou hipótese da deriva.

Joseph Naro (1981, 1991) sustenta que há dois caminhos para a mudança sintática: ou ela parte de uma inovação surgida nos contextos menos salientes, no sentido de menos perceptíveis, e se irradia para os mais salientes – e aqui teríamos a mudança natural - ou, ao contrário, ela tem início em contextos mais salientes, atingindo os menos salientes – caso da mudança “consciente”, ou mudança “por imitação” -. A saliência, portanto, governaria a difusão da mudança. Sendo ela um dado da estrutura lingüística, fica excluída a influência de fatores externos. A perda da concordância no Português popular Brasileiro é um caso de mudança natural, tendo surgido em formas do tipo *come – comem*, irradiando-se para casos como *é – são*. A recuperação da concordância nestes casos de saliência maior explica-se pela descrioulização, limitando-se às classes escolarizadas. Contra a hipótese crioulista, Naro agrega, também, que a pré-existência da Língua Geral inibiu o desenvolvimento do crioulo, que aliás nunca foi documentado suficientemente. Dentro dessa linha de raciocínio, comunidades negras como a do Cafundó são falantes do PPB, que elas teriam praticado juntamente com um crioulo africano, caso este tenha existido. Mas, como objeta Mussa (1991: 49), seria necessário provar que os escravos falavam a Língua Geral.



Com base em evidências sintáticas, Moraes de Castilho (2001) especifica a variedade quatrocentista como aquela que mais contribuições teria dado ao PB. Argumentando que a base do PB não pode ser o PE seiscentista – que ainda não existia, quando teve início o povoamento do território -, ela mostra que várias características sintáticas que apontariam para a emergência de uma gramática do PB são amplamente documentáveis no séc. XV. Construções de tópico (como em “O menino, ele acabou de chegar”), duplicação de clíticos de que resultariam alterações no quadro pronominal, (como em “eu não te falei pra você?”), possessivos duplicados (como em “leve o seu livro dele”, que explicam a utilização de *dele* como possessivo da terceira pessoa, especializando-se “seu” como possessivo da segunda pessoa) e outros fatos sintáticos demonstram uma vez mais que a pergunta não é por que o PB ficou como ficou, e sim por que o PE tomou um rumo inesperado, separando-se no PB.

Esse trabalho dá vida nova aos muitos estudos que documentam arcaísmos fonéticos e lexicais no PB, tais como Penha (1997), ou que discutem aspectos da ancianidade do PB, como Cohen (1997), Megale (1998), Oliveira (1998 a,b).

Se você gostou do assunto, leia o minucioso balanço sobre a questão crioula em Parkvall / Álvarez Lopes (2003).

Tem-se hipotetizado que o conservadorismo do PB tem seus baluartes fincados nos falares rurais. Se isso for verdadeiro, a rápida urbanização do Brasil contemporâneo poderá cortar o passo a essa tendência, desatando o vetor do inovadorismo.

7. Qual é a importância da Língua Portuguesa no séc. XXI? Qual é nossa posição em relação às outras línguas do mundo?

Considerando-se o número de falantes, esta é a lista das dez línguas mais faladas no mundo:



- (1) Chinês, um bilhão de falantes
- (2) Inglês, 500 milhões
- (3) Hindi, 497 milhões
- (4) Espanhol, 392 milhões
- (5) Russo, 277 milhões
- (6) Árabe, 246 milhões
- (7) Bengali, 211 milhões
- (8) Português, 191 milhões
- (9) Malásio, 157 milhões
- (10) Francês, 129 milhões.

Projeções de crescimento demográfico prevêm que por volta de 2025 o Português subirá para a sétima posição, com 285 milhões, e o Espanhol cairá para a quinta posição, com 484 milhões de falantes. Quem viver, verá.

Apesar da precariedade de alguns dos dados disponíveis, deve ser esta a distribuição atual dos falantes da Língua Portuguesa:

Distribuição aproximada dos falantes de Português pelo mundo

Portugal	10.000.00
Brasil (projeção do censo de 2000 para o ano de 2004)	171.000.000
Moçambique (censo de 1997)	6.000.00
Angola	1.600.000 (?)
São Tomé e Príncipe	67.000
Ilhas de Cabo Verde	285.000
Guiné-Bissau	570.000
Estados Unidos	365.300
Goa	250.000
França	150.000
Canadá (censo de 1971)	86.925
Timor Leste	Parte da população, de 800.000
Macau	2.000

Para chegar a este ponto, a Língua Portuguesa gastou as solas de seu sapato pelas estradas da história.

Tudo começou lá pelos idos do ano 4000 antes de Cristo, quando os indoeuropeus começaram



suas grandes migrações, chegam do à Itália a partir de 2000 antes de Cristo. Depois, foram as virações dos Romanos em sua sede itálica no momento da criação do Latim, 700 anos antes de Cristo, data a partir da qual começaram a formar seu grande Império. Disto resultou o surgimento da Europa Latina, entre 390 a.C. e 124 d.C. Ingressamos, finalmente, na Era Cristã, ufa!

Já na Europa Latina, pouco depois começaram a surgir as Línguas Românicas, entre as quais o Português soltou seus primeiros ais inicialmente como Português Arcaico, suspiros que foram de 1200 a 1540.

Você disse 1500? O que isso nos lembra? Claro, a chegada de Cabral e FINALMENTE os primeiros suspiros do Português Brasileiro, no começo muito aferrado à terrinha, digamos, de 1530 a 1790 mais ou menos, até que a partir de 1800, ei-lo tomando distância em relação ao antepassado lusitano (bem, como hoje se pensa, mais parece que foi o pai que se afastou do filho!), até surgir radioso em sua boca, consulente do Portal da Língua Portuguesa, e mesmo escorrendo de sua pena, quando você escreve. Falando em escrever, entenda que as datas acima são meramente aproximativas. Lembre-se que as línguas não nascem nem morrem com hora marcada.

Neste começo de milênio, o Português é a oitava língua mais falada no mundo, com quase 200 milhões de praticantes. Sua importância internacional crescerá na mesma velocidade em que Brasil, Portugal e a África Portuguesa se tornarem importantes no meio das outras nações do planeta.

Por sua dimensão territorial e populacional, tudo indica que o futuro da Língua Portuguesa repousa no dinamismo da nação brasileira.

As mudanças do PB certamente decorrerão do rápido processo de urbanização e da perda progressiva de seu perfil rural-conservador. A metropolização do país reforçará seu policentrismo cultural. A fala das metrópoles influenciará a região adjacente, configurando mais fortemente o

que já é perceptível neste começo de século: mais de um padrão assinalará o Português Brasileiro. Por ora é ainda difícil prever que rumo tomará a língua dos brasileiros. Mas parece que será por aí.

8. Bibliografia para aprofundamento

1. Sobre a lusitanização do Brasil, a ocupação do território, e as origens do colono português, consulte a História da Civilização Brasileira, organizada por Buarque de Holanda, além de Fausto (1994).
2. Sobre a formação da sociedade brasileira, neste mesmo Portal, leia o texto de Ramos / Venâncio, “Como se formou a sociedade brasileira?”.
3. Para leituras de conjunto sobre o Português Brasileiro, veja Silva Neto (1951), Teyssier (1997), Castilho (1998, Org. 1990), Mattos e Silva (1998, 1999, 2000b, 2001, Org. 2002), Alkmim (Org. 2002), Duarte / Callou (Orgs. 2002), Ramos / Alkmim (Orgs., no prelo), Lobo (Org., no prelo).
4. Sobre os indígenas brasileiros, leia Rodrigues (1986), Grimes (Ed. 1998). Sobre africanos no Brasil, Raimundo (1933), Mendonça (1935), Machado Filho (1944), Castro (1980, 2001). Sobre migrantes europeus, Love (1982), Muszynski (1986).
5. Sobre a sociohistória do Português Brasileiro: Ramos (1998 a), Castilho (1993, 1999-2000), Mattos e Silva (1995, 1998, 2004).
6. Sobre variedades geográficas do Português Brasileiro, leia neste mesmo Portal o texto “Falamos dialetos no Brasil?” de Suzana Alice M. Cardoso.
7. Sobre variedades socioculturais do Português Brasileiro, leia Rodrigues (1987), Tarallo (Org. 1989, 1990), Naro (1991), Naro / Scherre (1993), Macedo / Roncaratti / Mollica (Orgs. 1996), Mollica (Org. 1996), Oliveira [Gilvan] (1998, 2001), Paiva / Scherre (1999) Lobo (2001), Callou / Avelar (2002), Roncaratti / Abraçado (Orgs. 2003).
8. Sobre o português padrão brasileiro, leia Rossi (1968), Castilho (1978 a, 1990), Bagno (2000, Org. 2002), e neste mesmo Portal o texto de Ronald Beline Mendes, “Saber uma língua é separar o certo do errado?”.
9. Sobre as características do PB e suas relações com o Português Europeu, leia Roberts / Kato (Orgs. 1993).

9. Glossário

A hora e a vez do português brasileiro - Ataliba T. de Castilho

Texto: Índios do Brasil ([Link6](#))

- Línguas gerais - Não consta

Texto: Tentando entender por que o Português Brasileiro é como é ([Link15](#))

- Crioulo - Adaptações de uma língua europeia por falantes de outras línguas, em geral africanas e asiáticas, com as quais os europeus entraram em contacto por interesse mercantil.

Texto: O Português Brasileiro deriva de um crioulo? ([Link17](#))

- Pidgin - Língua de emergência, bastante rudimentar, desenvolvida por pessoas interessadas em trocas comerciais. A palavra *pidgin* resulta desse interesse econômico, pois é uma alteração do Inglês *business*, “negócio”.
- Crioulo - Adaptações de uma língua europeia por falantes de outras línguas, em geral africanas e asiáticas, com as quais os europeus entraram em contacto por interesse mercantil.